

BELAS E FERAS BAIANAS - LANÇAMENTO E HOMENAGEM

Senhoras e senhores,

Agradeço a indicação do amigo Fernando Alcoforado para falar sobre a saudosa Colega, Professora, Pesquisadora e Folclorista Doralice Fernandes Xavier Alcoforado, nesta justíssima homenagem promovida pelo Núcleo do Livro, Leitura e Literatura da Fundação Pedro Calmon, que acolheu o meu nome para proferir esta fala no lançamento de *Belas e feras baianas*, o primeiro livro a ser publicado pela Fundação Pedro Calmon dentre os vencedores do Concurso Letras da Bahia (2005).

E, para mim, o nome de Doralice Alcoforado é um nome amoroso, um signo forte que me faz evocar uma memória cheia de afetividade. Neste momento de homenagem à pesquisadora e escritora, não posso me desprezar do sentimento de amizade e carinho que sinto por Dora. Todas as recordações, tudo que evoco da profissional que ela foi, atravessa o território da afetividade e este é um importante signo para o reconhecimento do lugar que ela ocupa no meu sentimento e, certamente, no sentimento de muitos dos presentes nesta cerimônia de celebração da vida de Doralice Xavier Alcoforado.

Sim, da vida, pois Dora está em tudo que fez e deixou. E hoje a Fundação Pedro Calmon oferta ao público este precioso livro, fruto de um trabalho incansável, minucioso, desenvolvido no Programa de Pesquisa e Estudo de Literatura Popular que ela fundou no ano de 1984, juntamente com a Professora Maria del Rosário Alban – hoje aposentada e a quem também presto a minha homenagem – no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Durante estes vinte e quatro anos, o Programa de Pesquisa e Estudo de Literatura Popular, sob a Coordenação de Doralice, tem se dedicado a recolher, estudar e divulgar a tradição poética oral da Bahia. Desde a sua criação, o Programa de Literatura Popular está ligado à Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade

Federal da Bahia, onde Doralice teve uma profícua atividade, formando pesquisadores que hoje desenvolvem atividades em outras Instituições do Estado da Bahia. Significativo fruto desse trabalho foi a criação do Núcleo de Estudos da Oralidade (NEO), em 1996, no Departamento de Educação, Campus II da UNEB, em Alagoinhas, pela professora Edil Silva Costa, com o propósito de dar continuidade às suas pesquisas em literatura oral, iniciadas junto ao PEPLP, como bolsista do CNPq, no período de 1986 a 1989.

No Instituto de Letras da UFBA, a atuação de Doralice representa um marco na história da Pós-Graduação e da pesquisa no curso de Mestrado. Neste momento de celebração da sua memória, quero registrar o valor inaugural do seu trabalho no desenvolvimento da pesquisa na área de Letras na UFBA e na Bahia. Rompendo com uma tradição canônica e erudita da universidade e da pós-graduação na UFBA, como nas demais universidades nacionais (e até mesmo estrangeiras), Doralice, em 1984, apresenta uma Dissertação no Curso de Mestrado em Letras que introduz, nos estudos literários, um objeto de investigação ainda não considerado no espaço acadêmico: o estudo da literatura oral e popular.

Doralice, realizando seu mestrado na macro-área de Teoria da Literatura, apresenta um projeto de pesquisa que procura flagrar o jogo intertextual do erudito e do popular na obra de Guimarães Rosa. Consegue assim manter-se dentro da área que privilegiava a literatura considerada erudita, pois, afinal, estuda um dos escritores mais canônicos da literatura brasileira, rasurando, todavia, este espaço pela introdução dos temas do popular e da oralidade. A dissertação apresentada, intitulada *A escritura e a voz*, quebra as fronteiras hierarquizantes entre estas manifestações culturais, até então vistas sob um prisma dicotômico, na medida em que trabalha com um corpus da tradição popular, elegendo os

contos de encantamento, de exemplo e de animais, postos em diálogo com os contos de Guimarães Rosa.

Este marco, para alguns, pode parecer imperceptível, tal a maneira discreta com que estrategicamente Doralice Alcoforado fez a sua desconstrução, abrindo fendas nas estruturas do saber e do poder da Pós-Graduação na Universidade Federal da Bahia que, como tantas outras universidades brasileiras daquele período, pautava-se por uma divisão hierarquizadora entre o popular e o erudito. Trata-se de um marco que, mais do que acadêmico, é também político, pelos deslocamentos e desdobramentos efetuados nos estudos literários e etnográficos da época. A vontade de saber ouvir a voz do outro, de escutar a voz do outro, de trazer a voz do outro para um espaço que lhe era interditado, é um gesto político. E sabemos que Doralice foi também um ser político. Um ser político em diversos sentidos, mas refiro-me aqui ao sentido etimológico e mais radical da palavra: o comprometimento com a polis, com a sua comunidade. E este seu comprometimento foi constantemente confirmado, ratificado por um desempenho sempre pautado por princípios éticos: uma ética irreparável, exercida nos diversos espaços que atravessou como professora e pesquisadora, e nos diversos órgãos acadêmicos e administrativos por onde transitou.

Como resultado do trabalho desenvolvido no Programa de Literatura Popular, as pesquisas trazem para o cenário acadêmico e para o campo da oralidade um vasto repertório de contos, cantigas de roda, adivinhações, reisados, brincadeiras infantis, parlendas, trava-línguas, entre outros. Esses textos são apreendidos através de *performances*, processo habitual da transmissão do texto oral, e foram recolhidos nas residências dos contadores ou nos locais de trabalho, quando a atividade assim o permitia, para não afastá-los dos seus referentes habituais e afetivos. São aproximadamente 7.500 textos coletados em 70 municípios baianos, que têm sido transcritos e vêm alimentando o banco de dados do Projeto

de Literatura Popular, visando colocar esse material em condições de consulta para um maior número de interessados na literatura oral e popular.

Os textos colhidos no interior baiano, quando postos em confrontação com as suas variantes, permitem mapear as diversificadas procedências culturais e etnográficas que constituem o nosso imaginário. Dissertações e Teses defendidas, livros publicados a partir deste vasto material, têm contribuído para a constituição de um acervo que procura preservar esta vertente da nossa memória cultural, revelando um intrincado jogo de leituras e desleituras que se processam de forma quase imponderável no momento de recepção e transmissão dessas histórias dispersas por todo o Estado a Bahia. (Como exemplo de publicações podemos citar: *Romanceiro ibérico na Bahia*, com 247 versões de romances tradicionais, em 1996; *Contos de Dona Esmeralda*, em 1999; *Manual para pesquisa de campo: romances tradicionais* (1999); *Contos populares do Brasil: BAHIA*, com 96 narrativas, em 2002; *Vozes do ouro: a tradição oral em Jacobina*, em 2004; *Coleção Histórias do Fundo do Baú – 4 volumes* (2005). Edição de cd: *Romances tradicionais na Galícia e na Bahia*; edição de vídeos: *O Romanceiro Ibérico na Bahia* (1988), *A literatura infantil* (1992), *Sempre Viva: uma comunidade narrativa* (1995).

A simples coleta e catalogação dessas produções já representaria um valioso trabalho de preservação de um material antropológico (etnográfico), que ameaça desaparecer diante da avalanche de informações midiáticas que se propagam pelos locais mais distantes da Bahia. Contudo, como nos mostra o livro *Belas e feras baianas* que hoje a Fundação Pedro Calmon entrega ao público, o trabalho de pesquisa vai além do mero resgate e registro dos contos, pois estas produções têm se submetido a criteriosas análises, nas quais as variantes são confrontadas e as transformações abordadas nas suas múltiplas dimensões, fornecendo uma visão histórica, sociológica, antropológica, econômica e cultural das regiões onde

circulam. Pois, como afirma Doralice na introdução de *Belas e feras baianas*, “o conto popular configura uma matéria simultaneamente literária e etnográfica que, ao adaptar-se a cada novo universo cultural para onde se transporta, absorve e incorpora as marcas identitárias desse contexto” (p. 4).

Neste aspecto, *Belas e feras baianas* é elucidativo dessas colocações, na medida em que analisa como os processos de produção e de transmissão resultam de uma intrincada rede de fios narrativos de procedências distintas, recriando-se assim um dos textos antológicos da tradição popular que tem como tema o noivo-animal. Aqui são investigadas vinte e quatro variantes (amostra recolhida entre 1986-1994) que tratam do tema e que têm como ponto de partida o conto mítico “Cupido e Psiquê”, de Apuleio, fixado como modelo clássico, atualizado posteriormente pelo conto de fada escrito por Madame Leprince de Beaumont, “A Bela e a Fera”.

Na tradição oral baiana, “A Bela e a fera” desdobra-se em “O monstro de um olho na testa”; “A história do teiú”; “O príncipe de Campos Verdes”; “O papagaio que era um príncipe”; “O príncipe lagarto no reino dos amores”; “O príncipe de campos flor de bom virá”; “A serpente de um reino encantado” etc. E aqui recorro, mais uma vez, às reflexões de Doralice ao esclarecer a diversidade temática com que o conto “A Bela e a Fera” se apresenta na Bahia. Doralice considera que esta diversidade “decorre da confluência étnica de nossa formação cultural que propicia a inserção de novos elementos e motivos na estrutura fabular, permitindo o surgimento de variantes do texto, aclimatando-o ao universo simbólico brasileiro, tendência de toda prática discursiva como um imperativo da sua funcionalidade” (p.5). Estes textos atestam assim a funcionalidade do tema no imaginário baiano e, desde já, podemos confirmar a importância do livro que hoje a Fundação Pedro Calmon entrega ao público. Dos vinte e quatro textos estudados, vinte e três foram recolhidos no interior do

Estado, em pequenos povoados para onde Doralice se deslocava com os integrantes de seu grupo de Pesquisa, superando as dificuldades encontradas para o deslocamento e o trabalho a ser realizado – desde a dificuldade financeira até o difícil acesso a muitas localidades do interior da Bahia. Pois Doralice foi uma pesquisadora incansável, sempre cheia de projetos e de idéias, que conseguiu implantá-los e implementá-los pelo modo como lidava com as dificuldades. Dora tinha a sabedoria de saber formatar os seus projetos, de materializar os seus desejos. Dentre as múltiplas lições que nos deixou, estão a persistência e a paciência, o vigor e o entusiasmo, a delicadeza e a ternura, o respeito pelo outro. A competência profissional. Se é que tenho a capacidade de definir o ser de Doralice, defino-o como um ser sempre presente, uma voz que se fez ouvida em tantos momentos, em tantas circunstâncias e em tantas instâncias do saber. Uma voz de ampla ressonância. Voz incisiva, contundente e ponderada. Voz de aconselhamento. Doralice conhecia os mistérios da voz, e sempre fez da sua voz uma força de agregação e um instrumento para uma convivência solidária, harmônica e respeitosa.

Homenagear Doralice Fernandes Xavier Alcoforado é reconhecer as muitas lições que nos foram generosamente ofertadas. Cotidianamente ofertadas. Delicadamente ofertadas. É saber que ela permanece em cada lição que nos deixou. Em cada livro que nos legou. É saber que ela encantou-se no movimento mágico da vida, como tantos dos personagens que estudou, pois, como diz João Guimarães Rosa, “as pessoas não morrem, encantam-se.”

Em 19 de março de 2008.

Evelina Hoisel